



casadesarmiento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmiento | © Sociedade Martins Sarmiento

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmiento@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt

Museus, Galerias e Colecções

X

O Museu do Pôrto

Está a municipalidade portuense vivamente empenhada em obter um edifício condigno para o seu Museu.

Depois de tantos anos de inércia e de incompreensão (poder-se-ia mesmo dizer de abandono, ante os estragos irremediáveis observados), o problema do Museu Municipal preocupa os dirigentes, que procuram dar-lhe solução.

Quem julgar que um museu é um estabelecimento estéril, de mera ostentação, engana-se; labora num erro só concebível pela ignorância. O museu, hoje, tem um papel importante a desempenhar; a questão é que seja orientado convenientemente. «Le succès d'un musée dépend surtout des capacités de son directeur» (Coleman).

São bem explícitas as seguintes palavras de Jean Capart, conservador-chefe dos Museus Reais de Arte e História, em Bruxelas:

«Il a, au contraire, vis-à-vis de la collectivité, une mission importante et complexe. On ne peut le considérer comme un luxe qu'à la condition d'envisager de la même manière les autres établissements consacrés à l'instruction publique». *Le Temple des Muses*. Bruxelles, 1932.

E' sob este aspecto educador, que o museu deve ser encarado; contribui grandemente para a cultura geral.

Henri Focillon, professor da Sorbonne, na primeira sessão do «Office international des musées»

(1925), emitiu este interessante modo de ver: «Les musées sont nécessaires aux historiens de l'art et aux amateurs, mais ils sont avant tout faits pour le public».

Não são opiniões isoladas, de mero capricho, sem razão fundamentada. Os depoimentos sobre a matéria, mostram-nos uma particular concordância.

Registe-se este, de Richard Bach, concernente ao museu moderno:

«Il est devenu, de deux manières, une institution active: d'abord, pour acquérir des matériaux et les mettre en état d'être exposés; ensuite pour utiliser dans un but éducatif ses collections. Celles-ci prendront une utilité immédiate dans l'enseignement et dans les travaux de laboratoire, sans préjudice du but des musées, qui est de favoriser l'instruction et d'élever le potentiel de culture du peuple.» *Museum*. 10, 1930.

Charles Kelly, pondera, ainda, desta maneira: «A l'heure actuelle, le but d'un musée est de former le goût artistique du public; les collections doivent être constituées de manière à ce que chacun puisse y trouver quelque chose d'intéressant et d'instructif.» *Museum*. 9, 1929.

A concepção moderna do museu está, pois, claramente definida: um estabelecimento útil, verdadeiro foco de instrução e de luz, desde que seja bem compreendido por quem tenha de o dirigir.

¿Como realizar o seu plano, para o fim em vista?

Por estas três operações, que o museólogo Gilman formula: *exposição, conservação, educação*.

*

* *

Quem diz educação, diz ensino.

Antes de tudo, qualquer museu deve ser um instrumento de ensino; mas não terá de carecer do agrado para o facilitar.

Do seu arranjo deverá provir «el mayor provecho para la Cultura y el mayor fomento del Turismo», razões primaciais que o P. Arturo García de la Fuente

indica no seu estudo *La organización Ideal de Museos de Arte* etc., aparecido na revista *Religión y Cultura*, Escorial, Abril, 1932.

Sem método não há ensino, e num estabelecimento dessa ordem, o método avalia-se pela escolha e pela classificação.

Gustave Larroumet, do Instituto de França, no seu livro *L'Art et l'Etat en France*. Paris, 1895, ferindo a nota, diz:

«Toutes les oeuvres doivent se recommander par une valeur d'art et une valeur historique, la valeur d'enseignement résultant de ces deux-là. Il faut classer ces oeuvres avec une méthode rigoureuse, en suivant la marche même de l'art, les présenter de manière accessible, multiplier les facilités d'étude, en un mot songer avant tout à l'enseignement.»

¿Tem o Museu Municipal do Porto, na sua já dilatada existência de oitenta e dois anos, correspondido a este preceito basilar, como organismo capaz de satisfazer o visitante curioso?

Apenas em parte.

E' o que, numa análise sumária, se vai ver.

*

* *

Há anos, em nota a um artigo sobre *O arco de Santo António do Penedo*, inserto na *Revista de Estudos Históricos* (Boletim do Instituto de Estudos Históricos da Faculdade de Letras do Porto), 3.º ano, 1926, referi um trabalho em preparação intitulado *O Museu Municipal do Porto, o que é, o que deveria ser*, onde se desenrolava um sudário de prejuízos artísticos e arqueológicos, a que a incúria, a ignorância e o menosprezo de uma cidade inteira deram causa. Alguns desses materiais, aproveitei-os para o livro *Os Museus de Arte do Porto* (Notas históricas), publicado em Coimbra em 1928. Da parte respeitante à organização e finalidade do Museu do Porto, dir-se-á agora, sob um plano reduzido.

O problema do Museu Municipal não se circunscreve unicamente ao edifício, isto é à parte estática do estabelecimento, mas, e muito em especial, ao seu

organismo e funções, a bem dizer a parte dinâmica, vital e evolutiva.

O Museu Municipal do Pôrto, que é originariamente o antigo museu de João Allen (1785-1848), sito à rua da Restauração, na residência do seu possuidor, o qual, por morte desse negociante inglês, foi adquirido pela Câmara em 1850, ao tempo com aplauso geral da cidade, abriu ao público em 1852.

Desta data até hoje, podem contar-se na sua existência quatro períodos, assim distribuídos:

Primeiro período: 1852 a 1900.

Segundo período: 1900 a 1913.

Terceiro período: 1913 a 1919.

Quarto período: 1919 a 1934.

No primeiro período, o director do Museu, Dr. Eduardo Allen, filho do fundador, esforçou-se por dar à instituição um carácter educador, imprimindo catálogos (*Pinturas*, 1853, *Molluscos e conchas*, 1856-58, *Moedas arabes*, 1882) e notícias (*Moeda cunhada pelos wisigodos*, 1862, *Monnaies d'or suévo-lusitaniennes*, 1865, *Sarcophago romano*, 1867), numa época em que tais publicações não estavam em uso entre nós.

Uma dupla prioridade ennobrece o Museu do Pôrto: a de ter sido o primeiro criado por um município em Portugal, e a de possuir catálogos impressos.

Para definir os horizontes científicos da instituição, em 1855 era impressa uma fôlha com a *Synopse Geral das collecções*, assim dividida: I, *Bellas Artes* — Galeria de pintura. Galeria de escultura. Galeria architectonica. Galeria de estampas. II, *Sciencias naturaes*. III, *Archaeologia*. IV, *Ethnographia*. V, *Industria agricola e fabril*. VI, *Bibliotheca do Museu*.

Esse impresso, de incontestável proveito para os estudiosos, contribuía para tornar conhecido o estabelecimento, fomentar o interesse do público e atraír dádivas.

O segundo período, marcado pela entrada do conservador Rocha Peixoto, a quem em 1900 foi confiada a direcção do Museu, caracteriza-se por uma actividade desusada e uma visão claríssima do futuro.

O edificio da rua da Restauração, três acanhadas salas a abarrotar de objectos heteróclitos, foi julgado (como há muito tinha sido) completamente impróprio. Ainda assim, depois de uma reparação necessária (em que desapareceram as collecções zoológicas de todo inutilizadas), o Museu reabriu, publicando-se então uma *Guia* (1902), onde se entalham as seguintes secções: *Archeologia*, I) Pre e Proto-historica, II) Egypcia, III) Iberica, IV) Romana e luso-romana; *Ethnografia* (Asia, Africa); *Arte Industrial*; *Numismatica nacional* (Moedas e Medalhas); *Pintura* (Miniatura, Desenhos, Quadros portugueses, Quadros estrangeiros); *Escultura*; *Ceramica*; *Numismatica estrangeira*.

A 21 de Julho de 1905, no *Diario de Noticias*, lia-se: «Fechou hoje o Museu da Rua da Restauração, tendo sido removidas todas as collecções para as novas dependencias da Biblioteca Publica, onde se trata da respectiva installação. Pensa-se em restringir o museu ás secções de bellas-arts, artes decorativas, archeologia, ethnographia e reproduções, visto que em breve serão franqueados ao publico os gabinetes da historia natural, no edificio da Academia Polytechnica.»

Em 1909, ainda em vida do director Rocha Peixoto, o Museu era enriquecido, por compra, com a importante collecção de António Moreira Cabral, de que foi feito um catálogo parcelar, ilustrado, da *Ceramica Portuguesa*, aparecido no mesmo ano.

No interregno, foi criada a secção lapidar, installada no claustro da Biblioteca, a par de alguns panos de azulejos, único departamento patente ao público até 1913.

Em Janeiro desse ano iniciava-se um novo período com a reabertura do Museu, que exhibia duas salas de pintura, uma delas com a doação Júlio Osório. A actividade da Direcção, comum à Biblioteca, consistiu em restaurar três quadros (1916) e adquirir uma collecção de cerâmica portuense do pintor Vitorino Ribeiro. A sala de pintura antiga foi dada uma disposição pletórica inaceitável (que um antigo letreiro declarava *provisória*), ainda hoje existente.

O último período abre com a separação da Biblioteca, em Maio de 1919, ficando o Museu com

funcionários privativos, isto é, em condições excelentes para progredir.

Conhecimento e vontade, nada mais era preciso. As dotações viriam, naturalmente, suscitadas pelo trabalho realizado.

Em duas salas de depósito, a grande massa das colecções jazia encaixotada. Foi possível, com o esforço de cooperadores dedicados (cujos préstimos não são para desprezar), por ocasião do Congresso Luso-Espanhol, em Junho de 1921, converter essas dependências em salas de exposição. Ao tempo, um quotidiano portuense classificou de «verdadeiro milagre o que ali se fez». Sê-lo-ia, de arrumo, unicamente para o momento. Mas o que não podia ser feito em meses, deveria levar-se a cabo em alguns anos. A ordenação era indispensável, e jámais em tal se pensou.

Por isso a impressão do visitante instruído não é de ver um museu, mas um armazém arrumado.

Secções inteiras ficaram por expor. Assim sucedeu à etnografia, e à arqueologia lusitano-romana, a qual só mais tarde, parcialmente, ocupou o merecido lugar.

A abundância de objectos e uma casa exígua impunha uma atitude decidida: seleccionar o mais possível as séries e pugnar pela conclusão do edificio, só parcialmente construído.

A falta de iniciativa leva à estagnação e conseqüente ruína.

No campo científico, a actividade do Museu limitou-se aos catálogos de moedas (*Indo-portuguesas*, 1924, *Portuguesas*, tomo I, 1929), que era, logicamente, o que poderia fazer-se, dado o fácil manejo desses objectos para a ordenação e estudo necessários.

Sem uma remodelação completa, com encerramento temporário, nem uma simples *Guia* será possível organizar!

A única notícia impressa, oficial, respeitante às ricas colecções que o Museu possui, na sua fase presente, acha-se exarada no *Anuário da Câmara Municipal do Porto*, 1923, onde as secções são definidas desta maneira: «Tem em exposição: Pintura antiga e moderna, escultura, numismática, cerâmica, cristais,

pratas artísticas, jóias, objectos de arte religiosa, mobiliário artístico, arqueologia e curiosidades várias.» Um rol apenso, que se transcreve, permenoriza os quantitativos:

Número e designação genérica dos objectos expostos nas diferentes dependências do Museu em 31 de Dezembro de 1923:

Quadros de pintura antiga e moderna . . .	381	exemplares
Quadros com desenhos de artistas célebres . . .	3	>
Quadros com estampas (gravuras).	13	>
Escultura antiga e moderna	16	>
Baixos-relevos em madeira	11	>
Numismática (moedas portuguesas, romanas, estrangeiras e medalhas) cerca de . . .	9000	>
Cerâmica	1018	>
Cristais.	256	>
Objectos artísticos de prata e ouro	76	>
Indumentária religiosa	67	>
Mobiliário artístico e religioso.	45	>
Vários objectos (curiosidades e raridades) . . .	385	>
Arqueologia	108	>
Panos de azulejo.	28	>

Ao vulgo parecerá apenas um museu de «exemplares», agrupados com a lógica simplista da natureza dos objectos...

As secções, anteriormente estabelecidas com certo método científico, e tornadas públicas pela letra de fôrma, foram desprezadas sem justificação plausível. Poderiam ser corrigidas, mas nunca postas de parte. A isso obrigava a educação do público.

Na *Guia do Museu Municipal do Porto* (1905), o ilustre arqueólogo professor Joaquim de Vasconcelos subscrevia estas palavras que constituíam um preceito a observar:

«Incumbe aos Museus pobres, de um paiz pobre, uma missão educadora.»

Infelizmente, por motivos de variada ordem, a acção do Museu do Porto tem sido precária.

As grandes divisões e sub-divisões do Museu Municipal do Porto, já pela espécie dos objectos que

possui, já pelo papel que a instituição tem de desempenhar, devem ser as seguintes:

- I *Belas-Artes* (Pintura, escultura, desenho, gravura).
- II *Artes decorativas* (Mobiliário, tecidos, bordados, porcelanas, cristais, cerâmica, ourivesaria, esmaltes, glíptica, arte dos metais, etc.).
- III *Arqueologia* (Pre-histórica, proto-histórica, e histórica: numismática, sigilografia, epigrafia, heráldica).
- IV *Etnografia*.
- V *História da cidade*.

A feição regional deve prevalecer no Museu: a arte e a história portuenses têm aí o seu justificado e inconfundível lugar.

O grupo dos *Amigos do Museu*, organismo constituído em 1929, tem contribuído com ofertas, quer para as colecções do Museu, quer para a sua Biblioteca, sendo de esperar que a sua dedicação não esmoreça em prol do estabelecimento.

No citado *Anuário* considera-se *arqueologia* apenas uma fracção dela — a secção lapidar, quando a arqueologia, que não é mais do que «a etnografia do passado», tem um campo de muito maior amplitude.

*
* *
*

A organização das séries correspondentes às secções indicadas, necessita de certo espírito científico.

Para a escolha, pouco tem que ver o tamanho da casa de que o Museu disponha. E' questão de expor mais ou menos objectos: uma depuração racional resolve o problema, que é especialmente de ordem estética.

A propósito, escreveu recentemente Salomon Reinach: «Quelle que soit l'insuffisance du local, il serait possible d'y aménager une salle d'honneur où quinze ou vingt pièces de valeur seraient isolées, pourvues d'étiquettes détaillées et classées par écoles, les sculptures, la céramique, etc. occupant le milieu.» *Musées*.

Enquête internationale sur la réforme des galeries publiques (Paris).

A apresentação metódica e estética dos objectos suscitará mesmo a necessidade de melhor edifício, com tanta mais razão quanto os cuidados demonstrados pelo Museu forem maiores.

O público será o primeiro a mostrar interesse, e far-se-á eco das reclamações formuladas.

Para êle é que o Museu existe!

Mas torna-se necessário, primeiro, que se sinta atraído a visitá-lo...

«Le savant qui le dirige ne doit pas être seulement un «conservateur», il doit être aussi évocateur et un éducateur de tous ceux — grands et petits, instruits ou ignorants — qui viennent visiter son domaine et qu'il doit appeler à lui.» (*Musées*).

Estas palavras de W. Deonna, director do Museu de Arte e de História de Genebra, um dos mais belos museus que conheço, se nos revelam o sucesso de alguns desses estabelecimentos, podem também explicar-nos a falência comprovada de outros.

PEDRO VITORINO.